

RODRIGO AMADO, JOE MCPHEE, KENT KESSLER & CHRIS CORSANO

THIS IS OUR LANGUAGE QUARTET

31 OUT 2019

QUI 21:00

Grande Auditório

M / 6

HISTÓRIAS DO NADA

Por Stuart Broomer
(historiador de jazz, escritor, crítico de música)

“A única coisa que vislumbro é que é preciso começar tudo de novo, mais uma vez, e é preciso começar pelo que está perto, pelo que está em baixo, no chão. É um trabalho muito mais a partir das questões biológicas, animais, da sobrevivência, do medo, do prazer, das questões básicas.”

José Mário Branco

Em 2017, Rodrigo Amado fez uma digressão pela América que acabou por ser um projeto com dois rumos. Um foi uma digressão com Yells at Eels, a excelente banda do trompetista texano Dennis González com os seus filhos, o baixista Aaron e o baterista Stefan. No mesmo período, umas semanas antes, Rodrigo perseguia a sua outra musa numa viagem em busca de imagens com o fotógrafo António Júlio Duarte, explorando os descampados e ermos da América, os seus monumentais desertos e espaços escassamente povoados. Ainda noutra viagem “americana”, feita em casa, na Europa, alguns meses antes, ele tinha re-agregado o grupo agora referido como This Is Our Language Quartet para uma digressão europeia, uma banda em que Amado toca com alguns dos melhores músicos de *free jazz* da América: um ancião do jazz, o saxofonista/trompetista Joe McPhee, o baixista fundacional Kent Kessler e o vibrante e imprevisível baterista Chris Corsano. Ao longo do caminho, eles gravariam um CD chamado *A History of Nothing*, nome também dado às fotografias da viagem ao sudoeste norte-americano, agora prontas para serem exibidas. Duas viagens profundas assinadas sob uma única rubrica inescrutável.

Ao jogar com a ideia, formo dois padrões distintos, invento ou imagino uma relação, e pergunto então ao Rodrigo. Ele responde:

“Dei-lhes o mesmo título porque tanto a música do último álbum como as imagens foram feitas no mesmo período e inspiradas pela mesma energia: uma forte vontade de voltar às raízes, à energia primordial, aos elementos orgânicos e básicos da vida.”

“Para mim, *A History of Nothing* está relacionada com a profundidade que se pode encontrar nos elementos mais simples, orgânicos e primordiais, como céu, terra, mar, vento, poeira, nuvens, plantas... ou, numa escala diferente, uma parede, um pedaço de lã, um banco, um livro... e quão grandes estes elementos podem ser, comparados com a nossa passagem supérflua e fugaz pelo planeta.”

“Então, é claro, a “história do nada” pode muitas vezes mostrar-nos tudo. Acho que, de certa forma, ela representa a fonte onde os artistas procuram inspiração. Uma vibração ou energia emocional que não tem que ver com o presente, com política ou políticos, com gentrificação, guerra, negócios, racismo ou ódio. Só tem que ver com esse *continuum* intemporal que nos salva todos os dias, conectando a humanidade passada e futura, e independente dela.”

É esse sentido da plenitude do momento, encapsulando o tempo no imediato, o sentido existencial do instante, que liga estas coisas – a música de um quarteto numa determinada ocasião, o instante do reconhecimento e da captura numa fotografia. São artes contrastantes com uma relação singular.

O que torna o *Dreamtime* num sonho, seja a memória ancestral dos aborígenes australianos ou a fotografia de um *drive-in* abandonado? Talvez seja o sentido de algo simultaneamente inacessível e essencial, algo desconhecido e que imediatamente nos precede. Qual era a imagem, qual era o som?

Permitam-me que introduza uma breve história do jazz, uma história do nada, música de alguém exterior, incorporada na ideia que é *This Is Our Language* – um épico de gerações do nada, os historicamente reprimidos, descartados, incompreendidos, uma instituição americana com muito menos significado do que, digamos, o Supremo Tribunal. O quarteto é uma saga geracional, um músico de 80 anos, nascido no lado mais distante do *bebop*, um nos seus sessentas, um nos cinquentas e outro nos quarentas, juntos numa combinação particular de diferentes testemunhos e aprendizagens.

O que liga estas imagens a estes sons? É uma conexão existencial, enraizada em sensibilidades individuais e coletivas, histórias do tempo e do espaço, incognoscível mas também uma forma de conhecimento, uma intuição,

duas dimensões complementares dessa história do nada, desse apagamento formidável, aqui uma forma de entrar no conhecimento de algo que não pode ser conhecido, relações entre os que não estão relacionados, uma história do nada, uma linguagem de propostas que se auto-eliminam, de teoremas e de sinais.

O *free jazz* é uma forma sagrada... a coisa mais próxima do próprio tempo, ocupando idealmente o tempo absoluto do seu fazer absoluto. Quais são os seus antecedentes? É uma forma pura e sintética, parente de formas semelhantes, talvez até mesmo um casamento de *blues* e expressionismo abstrato, mas um determinado tipo de *blues*, não absolutamente *country* (Charley Patton) ou clássico (Bessie Smith), talvez *blues* sagrados (Blind Willie Johnson), definitivamente o maníaco *blues* urbano do *bop*, Bud Powell e Charlie Parker, ambos com inclinação para o *free jazz* num frenesim para uma expressão pura e irrestrita que conquistaria o tempo. É a *Remembering Song* de Sidney Bechet contemplando um escravo antepassado e a liberdade gestual de Jackson Pollock.

Quando Dizzy e Bird reduziram o significado a um insignificante *Salt Peanuts*, o teste de Alamagordo, Novo México, da primeira bomba atômica, estava a dois meses de distância. O *free jazz* nasceu num momento de precipitação, no final dos anos 50 e início dos anos 60, quando totalitarismos antagônicos com um excedente de armas nucleares disputaram as fronteiras geográficas. Quando um estudante do secundário se espremia sob uma carteira de dois centímetros para se proteger de uma bomba nuclear em 1962, era a música de Ornette Coleman que fazia sentido, como RPDD, acrónimo da *Relation of the Poet*

to Day Dreaming de Freud. Ou considerem a visão posterior de Joe McPhee em *Sweet Freedom*, um tributo a Max Roach e a um legado mais genérico em *Garvey's Ghost, Driva' Man, Singing with a Sword in my Hand...*

Mas estaria Ornette a tocar *free jazz*? Ou será que o *free jazz* passou das suas origens heterodoxas para a sua pureza, o apagamento histórico da melodia, “material temático” que podemos captar no discurso coletivo de *This Is Our Language*, agradecidos por todo o ruído que esta música afoga? Este não é o eco do *free jazz* mas o seu aparecimento.

E depois as imagens, uma eternidade benigna, seus pressentimentos exauridos, dissolvendo-se no sonho: Uma paisagem desértica, tão alienígena que goza com a indústria, com formações rochosas que parecem rios de cimento, surgindo como rios de cimento derramados por paisagens urbanas... serpentes de pedra....

Plantas do deserto, algumas sobreviventes, algumas oriundas de códigos que exigiram um individualismo heróico, tão distintas quanto os trajes *Hopi* que nelas se inspiraram... formas bizarras ou explosões repentinas de flores púrpuras....

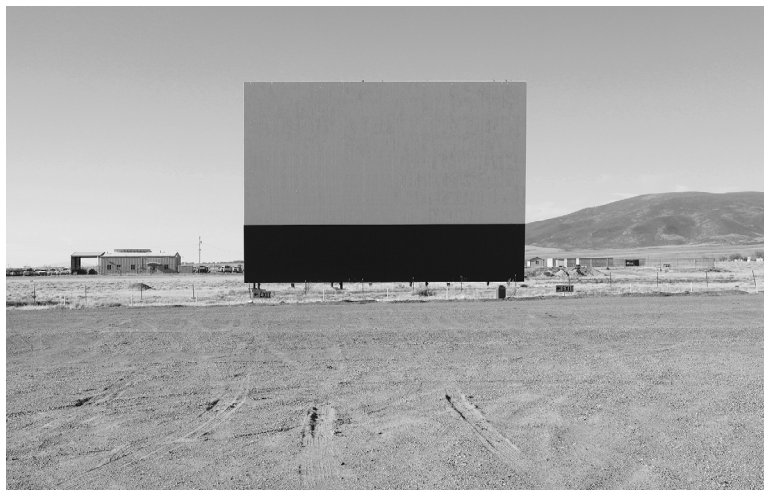
Fotografias de um ecrã de *drive-in*, da sua estrutura de suporte visível em algumas das imagens, como se o próprio ecrã tivesse sido encenado, como pinturas de pessoas vistas de trás feitas telas moldadas em grupos comunitários (recordando a ansiedade serena nas pinturas de Manuel Amado, pai de Rodrigo)... imaginem as imagens naquele terreiro de *drive-in* contra o céu noturno da Via Láctea, visitantes de Roswell e vibrações de Alamagordo que eclodem perto...

Em oposição a? Uma história de pessoas que foram marcadas por histórias – passadas, presentes, futuras, até mesmo histórias imaginárias, todas as histórias imaginárias, as vidas posteriores das histórias, as histórias religiosas do além, o definimento idealizado do Estado... (imaginem!)

De novo... o que faz do *Dreamtime* um momento de sonho, seja a memória ancestral dos australianos aborígenes ou a fotografia de um *drive-in* abandonado?

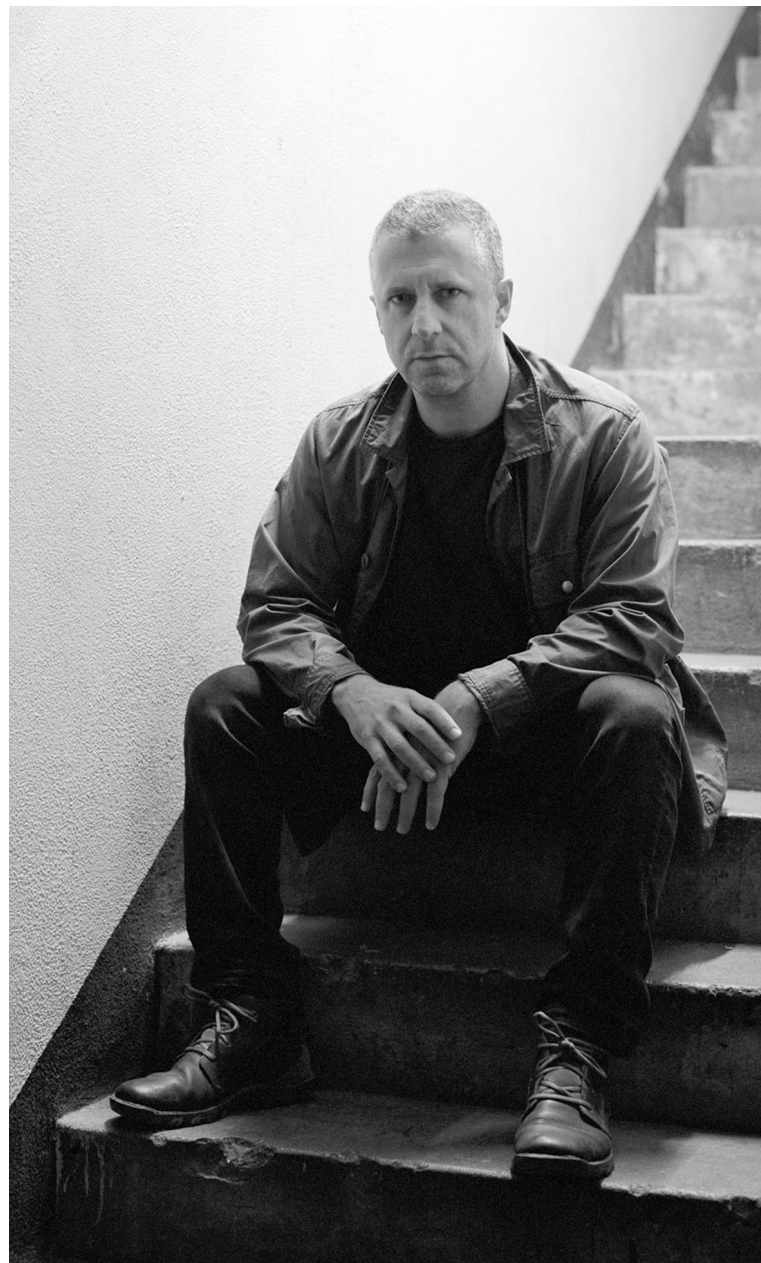
Este testemunho acolhedor, este uivo primordial, esta canção recém-nascida... a prateleira da biblioteca estende-se no tempo... Uma História Cultural de... Uma História Natural de... Uma História Militar de... Uma Crónica Pessoal de...

Uma história do nada é um êxtase encontrado no ato de delinear o que vai ser preservado e o que vai ser apagado, o gesto em oposição à fábrica, a fidelidade à individualidade dos seus gestos e ao seu valor no ato coletivo e à promessa do desconhecido...



© Rodrigo Amado

In 2015, with *This Is Our Language*, Rodrigo Amado gave us a line-up we hoped would be continued. In 2018, *A History of Nothing* did us this favour, satisfying the aspirations of the musicians themselves, certainly delighted with the music they were creating in their recordings and concerts. Praised as one of the albums to remember, *A History of Nothing* showed us a quartet eager to expand their experiences. Everything seems to work better and faster, with each musician clearly understanding their particular role, and, above all, that of their partner: Amado and McPhee, with their different styles and emotions, are particularly happy in this creative partnership; Kessler and Corsano form a rhythmic powerhouse full of authority and invention. We believe the four musicians will show this same energy on stage during the Lisbon leg of their European tour, offering us the privilege of seeing some of Rodrigo Amado's most beautiful photographs, in an exclusive and previously unseen visual work.



© André Cepeda

SAXOFONE TENOR

Rodrigo Amado

TROMPETE, SAXOFONE SOPRANO

Joe McPhee

CONTRABAIXO

Kent Kessler

BATERIA

Chris Corsano

Brevemente

**HOLLY
HERNDON**

Música x

PROTO

14 NOV 2019
QUI 21:00
Grande Auditório
M/6

Música x

Cinema x

**VINCENT MOON
& PRISCILLA TELMON
RABIH BEAINI
& TIAGO MIRANDA**

**HÍBRIDOS: OS
ESPÍRITOS DO
BRASIL AO VIVO**

10 DEZ 2019
TER 21:00
Grande Auditório
M/6

Culturgest